

Jung explica

ODED GRAJEW

Se há um arquétipo típico no subconsciente brasileiro, é o do sebastianismo. Tudo o que acontece de bom ocorre graças à vontade de **El Rey**, Don Sebastian. Se tudo anda mal, oremos para que **El Rey** retorne e nos salve.

Colocar a culpa da crise nacional no Presidente da República ou esperar que surja algum salvador da pátria são, na verdade, duas faces da mesma moeda. Trata-se de um confortável refúgio imaginar que alguém faz tudo por nós. É cômodo jogar a culpa no governante, é fácil dizer nada mais resta a fazer senão sentar na arquibancada à espera do Messias.

Vamos começar a sair da crise quando percebermos que cada um tem a sua parcela de responsabilidade pelo que ocorre no Brasil de hoje. Esta percepção pode ser facilitada se nos dermos conta de que o sebastianismo é útil a quem se beneficia do atual quadro de deterioração sócio-econômica do País.

No entanto, apenas demolir o sebastianismo não basta. Conscientizar-se da responsabilidade de cada um é necessário mas ainda não suficiente. É preciso que, desta consciência, surjam ações concretas.

O que um simples cidadão pode fazer para sairmos da crise, além de depositar seu voto e suas esperanças na urna de cada eleição? Muito — basta um pouco de reflexão e muita criatividade.

As pessoas podem, por exemplo, motivar suas famílias a discutirem ações concretas, em vez de passar a noite narcotizadas pela televisão. Podem levar essa discussão para o âmbito dos condomínios, dos clubes, das associações de classe, das igrejas.

Mais do que discutir, os cidadãos podem chamar especialistas de várias áreas para trocar idéias: economistas, acadêmicos, psicanalistas, jornalistas, políticos. A simples troca de informações muitas vezes gera uma ação concreta.

Exemplo disto é o recém-criado Fórum da Cidade de São Paulo, reunindo empresários, sindicalistas, vereadores e a Prefeitura, na busca de soluções conjuntas para os problemas de alimentação, transporte, habitação e saúde de São Paulo. Os idealizadores deste fórum sentaram-se à mesa inicialmente apenas para trocar idéias e alguém começou a contar sobre a rica experiência do Fórum de Sertãozinho, onde os supermercados ofereceram uma cesta básica mais barata aos trabalhadores. Daí para a formação do Fórum de São Paulo, foi um passo.

Mas os cidadãos podem agir bastante, sem sair do seu âmbito. Podem pressionar os políticos, visitá-los em seus gabinetes. Quem já tentou conversar com o vereador, o deputado ou o senador em quem votou na última eleição? A maioria deles certamente receberá muito bem quem visitá-lo, não para pedir um favor ou um emprego, mas para discutir a crise nacional e trocar idéias sobre possíveis saídas.

Se não há tempo para visitar os políticos, pode-se telefonar para eles. Nos Estados Unidos, a pressão dos cidadãos telefonando para seus senadores quase impediu a nomeação de um juiz federal acusado de abuso sexual. A pressão da opinião pública é um poderoso instrumento de ação social.

Foi esta mesma pressão da opinião pública que levou a maioria da Câmara Municipal de São Paulo a rejeitar a cassação da Prefeita Luíza Erundina. Graças ao telefone, uma grande mobilização de empresários, trabalhadores, intelectuais e políticos acabou pressionando importantes personalidades da política nacional a utilizar sua influência sobre os vereadores paulistas, fazendo até alguns deles mudarem seu voto e poupando a prefeita de sofrer uma acintosa injustiça.

É preciso conversar, ouvir e, sobretudo, formular propostas de ação. Mesmo que algumas dessas propostas possam parecer irrealistas ou sonhadoras. O que é a realidade? É aquilo que fazemos do presente. Se nos conformamos com a presente situação, a crise será a realidade. Se agirmos, como sociedade civil ou individualmente como cidadãos ansiosos pelo exercício pleno de nossos direitos, o sinal será invertido: será irrealista aquele que não apresentar propostas de ação.

Libertamo-nos de arcaicos arquétipos como o do sebastianismo e tomemos o Brasil em nossas mãos.

Oded Grajew é coordenador-geral do PNBE — Pensamento Nacional das Bases Empresariais.